

# Queda das reservas *Con. Brasil* para menos de US\$ ESTADO DE SÃO PAULO 12 MAR 1987 3,3 bilhões preocupa

12 MAR 1987

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

As reservas cambiais do País já estão abaixo dos US\$ 3,3 bilhões, registrando, de 20 de fevereiro ao dia 10 deste mês, uma perda superior a US\$ 600 milhões, com as disponibilidades atuais sendo suficientes para financiar pouco mais de três meses de importações, fato que está causando preocupação no Palácio do Planalto e nos gabinetes da área econômica.

Essa preocupação, segundo revelou ao Estado fonte governamental, deriva do efeito perverso de um conjunto de fatores, entre os quais reduzido desempenho da balança comercial, que continuará produzindo superávits comerciais irrelevantes. Ainda que o resultado de fevereiro possa ser superior ao de janeiro, o de março está irremediavelmente comprometido com a greve dos marítimos.

Isso significa que a suspensão do pagamento dos juros aos bancos privados, algo em torno de US\$ 500 milhões mensais, não está fortalecendo as reservas do País simplesmente porque não há excedente comercial correspondente. Deixar de pagar apenas evitou um colapso cambial completo, a exemplo do que ocorreu em 1983, forçando o governo a recorrer a empréstimos-ponte de emergência junto a governos e instituições de crédito e à liberação de créditos emergenciais por parte do Fundo Monetário Internacional (FMI).

O comportamento das reservas, antes um dado cujo acompanhamento nascia e morria no Banco Central, hoje está sendo monitorado diariamente pelo Palácio do Planalto, por tratar-se de um fator importante para definir os ru-

mos da negociação externa brasileira. Segundo um qualificado informante, o presidente José Sarney acompanha com apreensão a sangria das reservas na expectativa de um acerto com os bancos credores o mais breve possível.

A erosão das reservas, contudo — garante um informante do Palácio do Planalto —, até agora não demoveu o presidente da estratégia de renegociação traçada desde o ano passado, quando os problemas cambiais começaram a surgir: a busca de dinheiro novo capaz de compensar a parcela dos juros pagos aos bancos privados, para permitir um espaço para o crescimento da economia, e a recusa ao monitoramento do FMI.

Na opinião dos mesmos informantes, as reservas continuarão a cair porque os superávits comerciais serão inferiores aos compromissos que estão fora da moratória, como os juros e o principal dos empréstimos obtidos junto ao Banco Mundial e ao Banco Interamericano de Desenvolvimento; os compromissos com o Fundo Monetário Internacional; as remesas à conta de vários itens dos serviços, inclusive lucros e dividendos; repatriamento de capital etc. Também estão sendo pagos em dia os juros das operações de curto prazo mantidas pelos bancos privados estrangeiros com os bancos brasileiros e destinadas ao financiamento do comércio e as linhas interbancárias.

Outras fontes consultadas disseram que os banqueiros, tendo conhecimento da real situação das disponibilidades cambiais do País, preferirão o "jogo da paciência" e "nos deixar sangrando" na expectativa de levar o governo a ser mais flexível.